O DIÁRIO PESSOAL DO PAPA FRANCISCO

CARDEAL
VÍCTOR MANUEL FERNÁNDEZ



Índice

Bergoglio íntimo 7

O *Diário* pessoal 15

Quadros e imagens eloquentes 75

Sublinhando: interesses e convicções 99

«Sou eu, o Bergoglio» 125

Bergoglio íntimo

As expressões faciais do Papa Francisco eram desconcertantes. Passava de um sorriso radiante, quando estava no meio da multidão, para o rosto sério que apresentava em algumas celebrações e certas fotografias. Muitas vezes, os políticos e jornalistas procuravam alguma mensagem nessas mudanças. Mas a verdade é que ele mostrava a expressão que queria. Não a fingia, não a forçava; era o que lhe brotava da alma em cada momento, por vezes por motivos muito diferentes do que aqueles que os outros imaginavam.

Por exemplo, lembro-me de que em Santa Marta havia uma empregada imigrante que lhe despertava ternura e admiração. Gostava de saber como ela estava. Uma manhã, avisaram-no de que ela falecera inesperadamente. Minutos depois, quando o presidente de um determinado país chegou para o visitar, Francisco exibia um rosto amargurado. Alguns meios de comunicação interpretaram essa

expressão como um sinal de desprezo para com o presidente ou como uma reação política imprópria.

Eu mesmo, nas audiências pessoais, por vezes encontrava-o sorridente, outras vezes carrancudo, mas fui aprendendo que a sua expressão nada tinha que ver comigo ou com qualquer falha que tivesse cometido. Era a expressão que lhe surgia naturalmente, aquela que, no momento, ele queria ter. Era simplesmente ele próprio.

Isto não significa que não fosse astuto, capaz de se adaptar a diferentes circunstâncias, flexível para dizer em cada momento a palavra certa, ora consoladora ora profética. A sua extraordinária intuição levava-o a dizer uma coisa ou outra. Não gostava de mensagens prefabricadas e sondava o seu coração para saber o que seria mais adequado em cada momento. Essa intuição pastoral explica por que razão, por vezes, afirmava uma coisa e, noutros contextos, parecia dizer outra, diferente. Na realidade, ambas se complementavam, embora, ao analisar o conjunto do seu pensamento, isso causasse alguma perplexidade. O maravilhoso poder da sua intuição era um dom que, muitas vezes, o libertava de um momento difícil. Numa audiência, atrevi-me a dizer-lhe que estava um pouco surdo e que, quando alguém falava com ele, nunca tinha a certeza de ele ter ouvido bem. E perguntei-lhe: «Como faz quando lhe exigem

uma resposta, se não ouviu tudo?» Respondeu-me: «A intuição salva-me.»

Poderemos até pensar que havia um Bergoglio «não autêntico», mas não é essa a ideia. O que pretendo expressar é que havia um Bergoglio prudente que sabia que certas coisas não se podem dizer em qualquer circunstância, porque correm o risco de ser mal interpretadas. Mas mantém-se o desejo de conhecer o Bergoglio «mais autêntico»: o núcleo do seu ser que raramente vinha à tona e que ele apenas partilhava com duas ou três pessoas, a sós com Deus e, por vezes, no seu *Diário*.

Onde encontrar o coração de Bergoglio?

Se alguém quiser compreender o seu pensamento teológico ou pastoral — aquele que ele considerava que deveria ser o seu legado doutrinal —, descobri-lo-á especialmente nas suas encíclicas e exortações apostólicas. Mas onde encontrar esse Bergoglio mais íntimo? Onde se revela aquilo que o comovia mais profundamente, aquilo que o preocupava especialmente? Onde descobrimos o que o agitava no mais profundo do seu ser? Não preciso de relatar aqui todas as minhas conversas pessoais com ele,

em Buenos Aires ou em Roma, porque tive a bênção de ter acesso a algumas fontes valiosas.

Em primeiro lugar, alguns livros que ele utilizava quando era arcebispo de Buenos Aires e que, ao ser eleito papa, pediu que lhe fossem enviados para Roma. Foram poucas as coisas que solicitou, sabendo que já não regressaria a Buenos Aires, entre elas esses escassos livros. O mais valioso é o facto de estarem sublinhados, com algumas frases a aparecerem especialmente destacadas, inclusive a várias cores. O que queria ele realçar para poder recordá-lo?

Entre esses livros destaca-se um caderno muito especial: um *Diário* que contém detalhes verdadeiramente surpreendentes. Nas suas páginas, relata os seus sentimentos, os seus estados de espírito, as suas alegrias e cansaços, as suas crises e as preocupações mais pessoais e sinceras. Os assuntos mais reservados estão escritos em código, com alguns sinais que não podemos nem devemos decifrar. Em contrapartida, as suas preocupações espirituais, aquelas que guardava no coração, são expressas com clareza e poderão fazer-nos bem.

Evitarei mencionar pormenores que afetem diretamente outras pessoas e, em alguns casos, omitirei os nomes. Ele próprio teve o cuidado de separar claramente as questões práticas ou eclesiásticas

— sobre as quais quase nada escrevia — das experiências espirituais que pudessem enriquecer os outros. Creio que essas páginas íntimas são fundamentais para aqueles que falam dele sem respeito e advogam que era um homem vazio, sem fé ou convicções profundas. No *Diário*, surge o Bergoglio sem adornos ou aparências.

Sabemos também que todos os dias recebia muitos presentes: objetos, garrafas de vinho, doces, queijos, produtos regionais, relógios e também quadros. A maioria destinava-se a outros locais do Vaticano, mas, pontualmente, quando um quadro incluía uma frase que lhe chamava a atenção, pegava nele e mandava colocá-lo num local visível. Além disso, ele próprio pediu para emoldurar alguns textos, por exemplo, alguns parágrafos de Pedro Fabro. O que diziam esses quadros para que sentisse necessidade de os reler com frequência?

Não pretendo, neste livro, desenvolver teorias sobre o Papa Francisco nem oferecer um estudo ou uma interpretação pessoal do seu pensamento. Gostaria apenas de evidenciar aquilo que estes valiosos recursos que tenho em mãos permitem ver. Este material é, em muitos aspetos, realmente inovador, e julgo que ajudará o leitor a reconhecer outras facetas de uma pessoa que o mundo não esquece e a tirar as suas próprias conclusões.

Com esta grande ajuda, tentarei mostrar aspetos do coração do Papa Francisco que nunca deixou de ser Jorge Mario Bergoglio. Com efeito, poucos dias após a sua eleição como papa, estava eu na Universidade Católica de Buenos Aires, recebi uma chamada. As primeiras palavras foram: «Sou eu, o Bergoglio.» Talvez devesse ter sido esse o título deste livro.

Como surgiu a convicção de escrever este livro?

Uma tarde, eu estava em Santa Marta, porque, por vezes, Francisco chamava-me para falar de assuntos mais privados ou pessoais, fora das audiências oficiais das manhãs. Então, ele mostrou-me um local onde havia alguns livros e uma espécie de agenda velha com capa de couro. Abriu-a e vi que, no interior, estava cheia de anotações escritas à mão por ele. Depois, disse-me: «Disto, verão vocês.» Usou o plural porque ali perto estava um dos seus secretários, que conhecia esses textos porque o tinha ajudado a organizar o seu arquivo em Buenos Aires.

Alguns meses após a eleição do Papa Leão XIV, numa audiência, comentei com ele que sabia da existência desse material e que temia que pudesse ficar

abandonado num depósito qualquer. Acrescentei que, em resposta àquelas palavras de Francisco, era meu desejo estudar esse material para o dar a conhecer e ajudar a interpretar o sentido exato do seu conteúdo. O Santo Padre manifestou interesse e, poucos dias depois, enviou-me a caixa de cartão que continha esses textos para que eu os guardasse e realizasse o trabalho que pretendia. Após um ano de leitura paciente, reflexão, consultas e esforço para recordar diversas conversas, consegui concluir a tarefa.

O *Diário* pessoal

Bergoglio-Francisco escreveu este *Diário* de forma intermitente entre 20 de dezembro de 1992 — ano em que foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires — e 18 de agosto de 2024. Trata-se de uma agenda de 1992 que ele não usara e que, a partir de 20 de dezembro desse ano, começou a utilizar como *Diário*. Tem uma capa de plástico preta, e as suas páginas têm 22 × 15 cm. Escreveu 86 páginas antes da sua eleição papal e mais 55 já enquanto papa, de 21 de julho de 2013 a 18 de agosto de 2024. Como expliquei, em muitas partes utilizou símbolos que só ele compreendia, e outros pormenores são pouco relevantes. Reuni aqui a maior parte do *Diário*, as passagens mais importantes, porque giram em torno dos temas mais presentes ou significativos, que, ao mesmo tempo, são aqueles que poderão revelar-se edificantes para os leitores. Estou convencido de que vale a pena lê-las.

PELA PRIMEIRA VEZ, OS PENSAMENTOS MAIS ÍNTIMOS DO PAPA FRANCISCO, REUNIDOS NUM DIÁRIO EXCECIONAL.

Durante vários anos, o Papa Francisco manteve um diário pessoal, no qual foi registando pensamentos, confidências, reflexões e orações.

Agora, pouco mais de um ano após a sua morte, essas páginas são reveladas num livro de valor incalculável. Pela mão de Víctor Manuel Fernández, teólogo, cardeal e um dos colaboradores mais próximos de Bergoglio, leitores de todo o mundo poderão mergulhar nos escritos mais pessoais do Papa Francisco e descobrir a sua faceta mais íntima e reservada.

Um acontecimento editorial que permite manter viva a memória do pontífice e conhecer o homem por detrás do mito.

Penguin Random House Grupo Editorial

ISBN: 978-989-596-824-4

9 789895 968244